



A EDUCAÇÃO POPULAR EM CONTEXTO PRÉ-VESTIBULAR UMA VEZ MAIS EM DEBATE: HÁ ALTERNATIVA!

COSTA, Alan Ricardo¹

Resumo

Este trabalho apresenta o curso Pré-Universitário Popular Alternativa, desenvolvido em Santa Maria-RS, que adota um viés freireano de trabalho com as classes populares e é entendido com base no(s) conceito(s) de cursos Pré-Vestibular Popular (PVP) e/ou Pré-Universitário Popular. É importante destacar que os cursos PVPs podem funcionar de maneiras variadas e pautados em perspectivas teóricas diversas. O próprio termo "popular", por exemplo, pode ser empregado nos nomes dos PVPs para sinalizar o curso enquanto (1) ação gratuita ou de acesso facilitado às classes menos favorecidas socioeconomicamente ou (2) para formalizar um viés teórico que busca sinergias com a Educação Popular de Paulo Freire. No artigo é apresentada a Alternativa enquanto projeto de extensão e educação com as classes populares, ainda que tendo de lidar com a possível contradição de uma preparação pré-vestibular.

Palavras-chave: Educação Popular; Paulo Freire; cursinhos populares; Pré-Universitário Popular Alternativa; classes populares.

Introdução

O VI Fórum Internacional de Pedagogia (FIPED), realizado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)², demonstrou a ainda latente necessidade de discutir a Educação Popular em contextos de cursos Pré-Vestibulares Populares (doravante PVPs). O que são e como funcionam os cursos PVPs? De que forma se organizam?

Partindo principalmente de discussões sobre o curso Pré-Universitário Popular Alternativa³, projeto da Pró-Reitoria de Extensão (PRE) da UFSM que tem como objetivo principal contribuir com a formação de estudantes e seu ingresso no Ensino Superior, foi colocada em pauta, no supracitado evento, novamente, uma questão que vai além. Foi levantada a problemática de

¹ Acadêmico de Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Graduado em Letras e licenciatura em Espanhol e literaturas de língua espanhola pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: alan.dan.ricardo@gmail.com.

² De 30 de julho a 1 de agosto de 2014, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Para mais informações, visite: www.fipedbrasil.com.br.

³ Anteriormente "Pré-Vestibular Popular Alternativa". Hoje registrado oficialmente como "Projeto Alternativa 2014/2017", em função do seu período de vigência. Para mais informações, visite: www.ufsm.br/alternativa.



conciliar uma formação pré-vestibular com uma Educação Popular (FREIRE, 2011). Entretanto, a dúvida *“É possível ser pré-vestibular e popular ao mesmo tempo?”*, bem como suas variantes, pode soar demasiada reducionista no cenário atual da educação brasileira, por levar-nos a respostas rasas, como mero *“sim”* ou *“não”*. Assim como indagar se as classes populares podem ou não adentrar a escola pública. Ou se a Educação Popular pode ou não ser trabalhada nas escolas e universidades. Aparenta-nos ser mais pertinente discutir de que modo, em que pontos, de que formas e/ou em quais medidas o viés da Educação Popular cabe (ou é possível) em um contexto pré-vestibular ou pré-universitário. Eis aí o objetivo central do presente trabalho.

Este artigo, de caráter bibliográfico e pautado no funcionamento teórico e prático do Alternativa, que este ano completa 15 anos de atividades, está assim subdividido: no capítulo seguinte será abordado o Alternativa, com base no histórico e nas (in)definições dos PVPs. Posteriormente, suportados pela revisão de literatura da área, apresentamos os dois principais problemas envolvendo o advento dos PVPs e do Alternativa, a saber: (1) a(s) nomenclatura(s) (2) a contradição teórica de sua existência. Após tais discussões, o capítulo seguinte tratará de discutir o Alternativa para além da preparação pré-universitária, encerrando com as considerações finais.

1. Os PVPs, suas (in)definições e o Alternativa

Oliveira (2011) e Pereira e Pereira (2010), entre outros estudiosos, sinalizam o período de ditadura civil-militar (1964-1985) e a existência (e lutas) de movimentos sociais como fundamentais para a compreensão do histórico da Educação Popular no país. Posteriormente vislumbramos o advento dos PVPs, direta ou indiretamente ligados aos eventos antes citados. Os PVPs surgem no Brasil na segunda metade dos anos 80 e consolidam-se na década de 90 do século XX. Tais ações surgem na forma de inúmeras iniciativas organizadas para produzir ações de combate às desigualdades na educação, provenientes de uma intensificação da demanda pelo Ensino Superior (ZAGO, 2008; LEIPNITZ e PEREIRA, 2008).

Nas palavras de Zago (2008, p.153), parte significativa das experiências de PVP surge de *“projetos liderados pelos diretórios acadêmicos e movimento estudantil. São iniciativas que contam com a participação de estudantes da graduação e pós-graduação e, geralmente, também de outros setores da universidade, além de outras parcerias”*. Este é o caso do PVP Alternativa, projeto de extensão da UFSM originado a partir da iniciativa de estudantes de graduação do Centro de

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



Ciências Rurais (CCR) que faziam parte de uma Organização Não Governamental (ONG) intitulada Ecópolis, no ano de 2000. No ano de criação, o curso funcionou em espaço cedido pelo Instituto de Educação Olavo Bilac, com o apoio da 8ª Delegacia de Educação, da PRE da UFSM e do Diretório Central dos Estudantes (DCE)⁴.

Anualmente, o projeto oferta pelo menos 150 vagas, em processo seletivo realizado no início do ano letivo⁵, aos estudantes de Santa Maria e região sem condições socioeconômicas de financiar um curso pré-vestibular particular. Desde o ano de 2013 também tem sido aberto um segundo edital, referente ao segundo semestre letivo, com uma oferta de 40 vagas complementares, com vistas ao preenchimento de vagas oriundas de evasões⁶. Considerando as vagas dos dois editais, mais as chamadas de suplentes que são realizadas em ambos, estima-se que por ano o PVP Alternativa atende um número superior a 200 alunos. As aulas são mediadas por acadêmicos de graduação e pós-graduação da UFSM e outras Instituições de Ensino Superior (COSTA e SILVA).

Vale ressaltar, no entanto, que o funcionamento do Alternativa pode divergir de inúmeras outras ações desenvolvidas no país, no estado e até mesmo no mesmo município⁷. Isso porque, enquanto ações relativamente novas, e sendo notável certa ausência de bibliografia sobre o tema, temos mais indefinições do que definições sobre PVPs. Só por esta constatação já podemos afirmar que as respostas para dúvidas do que é um PVP? e é possível integrar preparação para o vestibular e Educação Popular no mesmo espaço? vão depender de cada situação e caso específico. Destarte, nas linhas a seguir tentamos abordar designadamente o caso do Alternativa.

2. Problemas em questão

Há inúmeros tópicos a serem discutidos sobre os PVPs. Abordaremos dois que, para o Alternativa, aparentam exigir compreensões mais urgentes: o nome do projeto e sua forma de tentar conciliar preparação pré-universitária e Educação Popular.

⁴ Hoje o projeto está situado no Prédio de Apoio Didático e Comunitário da UFSM, localizado no centro da cidade, Rua Mal. Floriano Peixoto, com atividades no turno da noite, de segunda-feira à sexta-feira, e também aos sábados, no turno da tarde.

⁵ Em geral, o processo seletivo inicia em março. O Alternativa tenta acompanhar o calendário letivo das escolas de Ensino Médio de Santa Maria, e costuma fazer ampla divulgação nestas muitas vezes na primeira semana de aula.

⁶ Avaliações esporádicas são realizadas para descobrir as causas das evasões. Destacam-se motivos como: (a) mudança do turno de trabalho, (b) aprovação em algum curso de graduação ou técnico, (c) questões pessoais e/ou familiares, etc. Vale sugerir, entretanto, um estudo futuro mais aprofundado sobre.

⁷ Ver, entre outros, Zago (2008) e Leinitz e Pereira (2008).



2.1 Questões de nomenclaturas

A razão para a utilização do termo õnomenclaturasö, no plural, é o intento de evidenciar as múltiplas opções existentes. As muitas experiências e ações emergentes desenvolvidas no cenário nacional recebem terminologias variadas, como õcursinhos popularesö, õcursinhos alternativosö, õpré-vestibular popularö, õpré-universitário popularö etc. (MENDES, 2009). Neste interim, destacamos também o termo õpopularö, que exige atenção. Os variados entendimentos de õpopularö podem ser aglutinados em dois grandes grupos de conceitos: (1) popular enquanto gratuito ou de acesso facilitado às camadas mais populares da sociedade, e (2) popular enquanto ação em sinergia com a perspectiva da Educação Popular (FREIRE, 1996, 2011). Tratemos destes dois tópicos em separado.

2.1.1. *Cursinhos alternativos ou populares, pré-vestibular, pré-universitário...*

No que tange às nomenclaturas múltiplas, há de se considerar que cada ação deve, segundo seu funcionamento teórico-metodológico e seus objetivos, optar por esta ou aquela designação que melhor lhe representa. Um cursinho alternativo, por exemplo, não precisa se justificar quanto ao termo do uso õpopularö, que será debatido a seguir, enquanto que um curso pré-vestibular assume para si o caráter de ser um curso voltado para tal exame de ingresso ao Ensino Superior. Questão de autoconhecimento de cada projeto e sua natureza. Sobre tal tema, recorreremos a Mendes (2009):

Com esta postura crítica ao vestibular enquanto barreira de acesso ao ensino superior, muitos cursinhos não se identificam com o rótulo õpré-vestibularö, o que os conota como preparatórios para este exame, apenas. Em alguns casos os cursinhos preferem se identificar como cursinhos õpré-universitáriosö, priorizando não o exame vestibular em si, mas a vida universitária enquanto eminentemente política (MENDES, 2009, p.5).

Foi com este pensamento que o nome do Alternativa começou a ser debatido. Em seus primeiros 14 anos de funcionamento, o nome õPré-Vestibular Popularö cabia, tendo em vista o foco no Vestibular da UFSM, que retroalimentava o projeto de inúmeras formas. Contudo, entre o final do ano de 2014 e início do ano de 2015, o nome Pré-Universitário Popular Alternativa passou a ser empregado, sendo o õpré-universitárioö justificado pelo escopo atual do projeto. Ainda assim, o nome adotado é õPré-Universitário Popular Alternativaö, e não õPré-Universitário Alternativaö, sendo o õPopularö palavra não facultativa. Os motivos para tanto são apresentados na sequência.

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



2.1.2. Popular...

Em trabalho digno de nota na literatura da área, Oliveira (2011), aponta que as ideias de *õpovoõ* e de *õpopularõ* vão adquirindo, no Brasil, novas significações de acordo com cada momento do processo histórico. Aqui, entretanto, assumimos o risco de sintetizar a noção de *õpopularõ*, atualmente, em dois grupos de conceitos: (1) popular enquanto voltado às camadas mais populares, e (2) popular enquanto ação a partir do prisma da Educação Popular de Paulo Freire. Ambos são (ou assim é almejado) inerentes ao Alternativa.

Temos no Pré-Universitário Popular Alternativa uma referência no que tange ao caráter de gratuidade sinalizado por Oliveira (2011, p.173). Enquanto curso inteiramente gratuito, o Alternativa conta com aulas gratuitas e material didático gratuito na forma de apostilas impressas via orçamento da PRE na Imprensa Universitária da UFSM (COSTA e SILVA, 2014). Além disso, consta no edital de seleção para ingressar no Alternativa o limite de renda familiar de até três salários mínimos vigentes ou, se o(a) candidato(a) for não dependente, de até um salário mínimo e meio vigente. Finalmente, os(as) educadores(as) e educandos(as) que frequentam o Alternativa recebem meia passagem de ônibus para fins de deslocamento ao cursinho, em função de uma parceria entre a PRE e a Associação do Transporte Urbano (ATU). Por conseguinte, o Alternativa diverge neste aspecto de cursos populares que apresentam custos reduzidos (não são totalmente gratuitos) e/ou não conseguem, via parcerias externas ou outros meios, subsidiar financeiramente seu funcionamento e sua manutenção.

Temos, ainda, tons e cores da Educação Popular de Paulo Freire, ou assim espera-se. E esta é a justificativa para o P maiúsculo no *õPopularõ* do nome do projeto. Evidentemente, apenas o nome não caracteriza a Educação Popular, que se faz muito mais na prática, na práxis, na relação docência/discência e na perspectiva dialógica, não bancária, problematizadora da realidade social. A questão toda vai muito além de um nome, mas a opção pelo *õPopularõ* já é um começo meritório, pois formaliza um posicionamento político-pedagógico que se faz necessário sinalizar. A considerar que a Educação Popular é entendida por alguns como contraditória a uma preparação pré-vestibular, passamos ao subcapítulo seguinte.

2.2 Questões de contradições

De acordo com Oliveira (2011):

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



O fortalecimento da sociedade civil dos anos 90 e a redefinição do modelo de ocidentalização da sociedade brasileira, instituída pelos governos neoliberais, se constituem em determinantes significativos no surgimento de novos movimentos sociais urbanos. As iniciativas de pré-vestibulares urbanos caracterizam essas novas formas de organização popular. As ações de pré-vestibulares populares urbanos trazem em seu bojo as *contradições*⁸ decorrentes desses processos político-sociais (OLIVEIRA, 2011, p.168).

oContraçãoo é a palavra norte da questão, lembrada também por Zago (2008) no que diz respeito ao contexto contraditório do sistema educacional, com profundas desigualdades inerentes ao acesso ao Ensino Superior. A expansão, conservadora em sua essência, no fim do século XX e início do século XXI, manteve o caráter elitista do Ensino Superior (ZAGO, 2008).

Existem várias correntes que divergem sobre a Educação Popular em determinados espaços atualmente. De um lado estão os defensores da possibilidade de levar um viés freiriano a todo e qualquer local, sendo entendido (e defendido) que este possa dar-se em qualquer relação docente-discente. De outro lado estão os que não acreditam na coexistência harmônica da Educação Popular com uma preparação pré-vestibular ou pré-universitária, em conjunto com os que consideram a expansão do acesso ao Ensino Superior uma questão puramente mercadológica e voltada exclusivamente para o desenvolvimento e interesses econômicos neoliberais. Entendemos que ambos os lados devam ser relativizados criticamente, continuamente.

2.2.1. A *contradição em uma visão positiva: o copo meio cheio.*

A opinião de que a Educação Popular pode dar-se em qualquer lugar, de certo modo, pode estar ligada a uma expansão muito perspicaz da noção de Educação Popular para além da acepção inócua de mera oEducação não formalö. A manutenção desta relação sinonímica entre oEducação Popularö e oEducação não formalö, seja ingênua ou perversamente proposta, resulta no(a) educador(a) como indivíduo voluntária ou involuntariamente responsável por manter o viés freiriano distante dos espaços de educação formal e, conseqüentemente, longe das escolas e universidades. Como bem sinalizam Pereira e Pereira (2010, p.73), a Educação Popular nasceu fora da escola, no seio das organizações populares, õmas seus princípios e sua metodologia, com bases emancipatórias, tiveram uma repercussão tão grande na sociedade que acabaram cruzando fronteiras e os muros das escolasö. Concordando com tais palavras, Oliveira (2011, p.171), destaca que é importante notar que as iniciativas de Educação Popular contemporâneas extrapolam os espaços

⁸ Grifo nosso.

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



ditos ão não formaisö tal como se verificava nas décadas anteriores e, também, ãultrapassam, ainda que de forma um tanto incipiente, a formação para o trabalho simplesö. Tais ações vêm demandando uma conjuntura de formação sob uma perspectiva complexa. õOu seja, apontam para a necessidade de ir além da Educação Básica, buscam alcançar o grau superior de formação escolarö (*idem, ibidem*).

Ou a opinião de que a Educação Popular pode dar-se em qualquer relação docente-discente pode estar ligada a um complexo perfil crítico, reflexivo e político do fazer docente. Em melhores palavras, é pautada na crença de que se dá na relação entre educador(a) e educando(a) que, por sua vez, é mediada por muitos aspectos pertinentes ao fazer docente apontados pelo próprio Paulo Freire (1996). Tais como: respeito aos saberes dos educandos, reflexão crítica sobre a prática, apreensão da realidade, disponibilidade para o diálogo etc. É, entretanto, uma visão que exige cuidado. Conciliar uma preparação vestibular/universitária com todos estes elementos é, minimamente, uma tarefa árdua, ainda que possível. Soma-se à situação os apontamentos de Mendes (2009), que lembra a dificuldade dos cursinhos em garantir professores(as) para algumas disciplinas/atividades e conseqüentemente o regime voluntário de trabalho. Nestes casos, o comprometimento com os alguns princípios de Educação Popular talvez não sejam os critérios norteadores dos(as) professores(as) que se dispõem a trabalhar nos cursinhos (*idem, ibidem*). Precisamos considerar, então, os PVPs enquanto espaço de atuação de diferentes educadores(as), com diferentes formações pedagógicas, vivências, crenças etc., temos que pensar minimamente em consonâncias e dissonâncias entre tais sujeitos e seus fazeres docentes. Ainda assim, vale perceber que muitos destes espaços são ó e o Alternativa é assumidamente um deles ó lugares de aprendizagem constante. Como o próprio Freire (1996) aponta o inacabamento no(a) educador(a), o Alternativa é um ambiente propício aos que desejam tentar romper com a lógica bancária e geralmente não humanizadora na qual talvez tenham se formado professores(as).

2.2.2. A contradição em uma visão negativa: o copo meio vazio

Em contraponto, a descrença na manifestação da Educação Popular em uma preparação pré-vestibular ou pré-universitária pode dar-se em função de uma visão de mundo de outrora, conciliada a um entendimento de ãopularö das décadas de 80 e 90 do século XX. Esta visão de

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



mundo precisa ser questionada e problematizada com urgência para fins de ruptura do neoliberalismo perverso e destruidor da esperança (PEREIRA e PEREIRA, 2010).

Pereira e Pereira (2010) advertem que, com a implantação das políticas neoliberais, deu-se um desmantelamento das mobilizações sociais sem o enfrentamento direto e armado. Logo,

Com os movimentos sociais enfraquecidos, a Educação popular vive consequências no interior de sua prática cotidiana. Muitos educadores populares também passaram a se questionar sobre a viabilidade de transformação da sociedade. Muitos, inclusive, são capturados pela lógica do mercado, entregando-se a uma visão fatalista da história (PEREIRA e PEREIRA, 2010, p.81).

Com base no próprio Freire (1987), que anos antes já recomendava certos cuidados com o neoliberalismo obliterador da esperança necessária:

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal, anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social, que de histórica e cultural, passa a ser ou virar quase natural. Frases como 'a realidade é assim mesmo, o que podemos fazer?' ou 'o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século' expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora (FREIRE, 1996, p.21, 22).

Ora, a busca pelo Ensino Superior, sua burocratização, mercantilização das alternativas a seu acesso e suas desigualdades sociais é um fenômeno já instaurado. Cabe a todos optar por cruzar os braços para esta realidade e, por meio da omissão, permiti-la e mantê-la. Ou optar por empregar os PVPs e espaços semelhantes como ambientes de articulação social inclusive para, por exemplo, questionar e criticar o vestibular e as muitas tentativas de afastamento do povo do campus.

Ou, ainda, a incredulidade nos tons da Educação Popular pintando ações pedagógicas de cursos PVPs ou pré-universitário pode apresentar-se em acepções fechadas da própria Educação Popular. O Alternativa parte do princípio que a Educação Popular precisa ser entendida sob constante reinvenção, problematização e readaptação aos diversos espaços educacionais. Vale destacar as palavras de Pereira e Pereira (2010), que defendem:

O que possibilita à Educação popular ser um território de reinvenção do modo como estamos vivendo e, portanto, de transformação do mundo é o fato de estar organicamente vinculada aos princípios da educação dialógica proposta por Paulo Freire [...]; nesse sentido, jamais dicotomiza o homem do mundo, respeita a vocação ontológica do homem de ser mais, estimula a criatividade humana, ama a vida em seu devir (é biófila), valoriza a relação educador-educando e educando-educando, reconhece o homem como um ser histórico, da práxis, e tem do saber uma visão crítica, pois este encontra-se submetido a condicionamentos históricos-sociológicos, uma vez que não há saber sem busca inquieta, sem a aventura do risco de criar (PEREIRA e PEREIRA, 2010, p.74).



Em suma, não discutir a Educação Popular na atualidade, trazendo as discussões para as realidades que se apresentam no agora, mais do que manter um tipo de invisibilidade ao tema, é andar para trás na educação brasileira, no sentido de afastar ainda mais jovens e adultos, e as classes populares em geral, das aulas, das escolas e das universidades.

3. Para muito além de um curso pré-vestibular ou pré-universitário

Há igualmente a hipótese de uma descrença na possibilidade de fazer Educação Popular em um PVP ou um curso pré-universitário não apenas em função de certo agnosticismo, ignorância ou desconhecimento da literatura da área. Talvez seja questão de não acreditar em tal possibilidade por um não saber o quê ou como fazer, o que é bastante plausível se consideramos que o advento dos PVPs e as discussões que seguem são relativamente novas e subjetivas, funcionando dentro de limites e possibilidades de cada contexto no qual o curso se dá. Para os que se enquadram neste grupo, é importante salientar que não existem fórmulas ou receitas para o trabalho sob a luz da Educação Popular. Algumas sugestões, contudo, são cabíveis.

Para Zago (2008), por exemplo, é bastante comum em PVPs a relação com outros movimentos sociais, sobretudo com o movimento estudantil, o movimento negro e outros, para fins de problematização dos problemas vividos pelos educandos com vistas à sua emancipação. O Alternativa adere a essa prática. Dentre inúmeras ações efetivadas nesse sentido, vale destacar a parceria com o Coletivo Voe!, que propõe-se a buscar a valorização da diversidade sexual, através de debates, ciclos de cinema, atos pela visibilidade LGBTT⁹, entre outros meios¹⁰. Registradas em forma de relato de experiência (COSTA, 2014) e apresentadas em congresso internacional sobre o tema, as atividades de formação em diversidade sexual e gênero, para educandos(as) e educadores(as), representa um progresso no sentido de contribuir com a formação de futuros universitários que carecem de mínima formação na área. Também podemos citar parcerias outras do Alternativa, como o movimento negro de Santa Maria, o coletivo Marcha das Vadias, etc., em inúmeras atividades desenvolvidas recentemente.

⁹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis.

¹⁰ O Coletivo Voe! Em defesa da diversidade, fundado em 2011, em Santa Maria-RS, a partir da demanda de organização política em torno da temática LGBTT.

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



De acordo com Oliveira (2011), há nos PVPs um cuidado especial para que os conteúdos não sejam formalmente trabalhados com vistas a õpassar no vestibularö. õRecomenda-se que estes sejam tratados criticamenteö (OLIVEIRA, 2011, p.173). Tanto Zago (2008) como Oliveira (2011) evidenciam que na maioria dos núcleos dos PVPs existe um eixo curricular denominado Cultura e Cidadania, õno qual são trabalhados temas de relevância para a construção de um conhecimento crítico por parte dos participantes, acerca de sua condição de discriminação socialö (OLIVEIRA, 2011, p.174). Um exemplo pertinente já apontado anteriormente em Costa e Silva (2014) foi a modificação do conteúdo programático previsto por parte da equipe de Filosofia. *In casu*, em Ética foi debatida a questão das cotas e do acesso à Universidade. Tal modificação se deu porque as inscrições para o processo seletivo da UFSM ocorrem no período em que, no Alternativa, estavam sendo trabalhados outros conteúdos. Dada as observações das atividades em anos anteriores, se provou necessário um debate que permita o aprofundamento das reflexões e problematizações das cotas nas universidades públicas do país, possibilitando que o(a) aluno(a) compreendesse seus direitos como cidadão brasileiro, e que isso refletisse diretamente tanto na sua inscrição para o processo seletivo da UFSM quanto em outros processos.

A transformação do Alternativa, de projeto a programa que integra variados projetos correlacionados entre si, também é um avanço. As aulas do curso acabam por integrar-se à outras atividades com mais caráter popular, como oficinas, clubes do livro, exibição de filmes, ciclos de debate. O Programa Alternativa, no qual o Pré-Uestibular Popular Alternativa ocupa lugar de destaque, integra ações como o Cinema na Comunidade, iniciado em 2014 e desenvolvido na forma de ciclos exibições de filmes e discussões de temáticas sociais às comunidades de Santa Maria. Tendo como debatedores(as) educadores(as) do Alternativa e colaboradores(as) externos(as), os ciclos de cinema ó com entrada franca ó percorrem escolas e outros espaços do município. Vale citar também o Clube do Livro, anteriormente bastante preso às leituras recomendadas pelo programa do Vestibular da UFSM, mas agora já muito mais em sintonia com o cotidiano social por meio da ficção contemporânea. A partir das leituras de Caio Fernando Abreu, Marcelino Freire e outros, além do debate da sexualidade, do urbano, o projeto busca estimular, através da leitura e da reflexão crítica da obra literária em relação com o contexto social do leitor, o desenvolvimento de uma consciência de cidadania, partindo do pressuposto de que a leitura é um direito humano.

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



As possibilidades são muitas, e os desafios também. Para Pereira e Pereira (2010), grandes são os desafios atuais dos movimentos sociais e da Educação popular com seu projeto emancipatório. Mas estes desafios não deixarão de ser enfrentados com a esperança necessária. Além da esperança ó ou Esperança, com E maiúsculo ó, comprometimento, alegria, amorosidade e reconhecimento do outro também permeiam a atividade educativa com as classes populares. É norteador por este pensamento, e desejo, que o Alternativa entende que seguir tentando viabilizar a Educação Popular, dentro de PVPs e das escolas e universidades, é contribuir tanto com nossa luta por uma educação mais emancipatória e crítica e quanto com nossa vocação por ãSer Maisö.

Considerações Finais

Publicações anteriores já trataram de apresentar outros cursos PVPs e ações afins (ZAGO, 2008; LEIPNITZ e PEREIRA, 2008). Aparentemente, faltava ainda algum texto que apresentasse teórica e metodologicamente o Pré-Universitário Popular Alternativa, que trabalha com as classes populares. Grosso modo, o Alternativa é um curso Pré-Universitário Popular que vai muito além de preparação para o vestibular ou o acesso ao Ensino Superior: vai ao encontro de uma contínua formação de cidadania e consciência crítica, em uma perspectiva freireana. Como se costuma explicar em tom jocoso aos candidatos ao ingresso no curso: ãO Alternativa não prepara para a prova do vestibular, prepara para a vida!ö.

Cabe destacar ainda os distintos entendimentos de ãpopularö. Popular enquanto gratuito o Alternativa é, por suas aulas, pela disponibilização de material didático impresso gratuito etc. Popular enquanto coletivo em sintonia com a perspectiva de Educação Popular o Alternativa também é; se não o é em determinados momentos ou atividades, busca ser constantemente. Na busca contínua, é importante estabelecer os limites e objetivos da aplicação da Educação Popular em cada espaço educacional. Em um espaço de trabalhadores(as) e estudantes socioeconomicamente excluídos(as), como o Alternativa, a ação alcança uma dimensão maior que apenas a valorização dos saberes e a horizontalidade. Esses pressupostos, se alcançados (parcial ou totalmente), podem influenciar socialmente, estabelecendo um campo de atuação política e educacional que modifica o micro e causa impactos no macro. É o caso, por exemplo, do sujeito que se repensa enquanto trabalhador em uma sociedade neoliberal, ou como oprimido/opressor em meio aos preconceitos em sociedade, ou, ainda, questiona o vestibular e o acesso ao Ensino Superior.

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



Finalmente, esperamos que o presente trabalho contribua com a área no sentido de atentar para a heterogeneidade dos PVPs e cursos pré-universitários. Ainda que com diferenças entre si, fazemos votos de que todas as ações de PVPs e cursinhos populares, considerando o contexto no qual cada curso se insere e suas possibilidades, tentem trazer em sua prática aspectos da Educação Popular. Esta, nos dias atuais, está para além do possível. Faz-se necessária. É com esta educação, ao mesmo tempo séria e alegre, comprometida com uma educação crítica e libertadora, que um PVP pode contribuir com a (re)humanização do ser humano.

Referências

COSTA, Alan Ricardo. Questões de Gênero e Sexualidade: relato de experiência no Pré-Vestibular Popular Alternativa. In: VII Congresso Internacional de Estudos sobre Diversidade Sexual e de Gênero, 2014, Rio Grande. **Anais...** Universidade Federal do Rio Grande, 2014.

COSTA, Alan Ricardo; SILVA, Kariane Marques da. Educação Popular e Pré-Vestibular na Extensão Universitária. In: 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU), 2014, Belém. **Anais...** Diálogos da Extensão: Saberes Tradicionais e Inovação Científica. Belém, Pará. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 15ªed. São Paulo: Paz e Terra. Coleção Leitura. 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LEIPNITZ, Luciane; PEREIRA, Thiago Ingrassia. A prática pedagógica no cursinho popular da ONGEP: aproximações com a pedagogia de Paulo Freire. In: MELLO, Marco (Org.). **Paulo Freire e a Educação Popular - Reafirmando o compromisso com a emancipação das classes populares.** Porto Alegre: IPPOA, ATEMPA, 2008.

MENDES, Maíra Tavares. Cursinhos populares pré-universitários e educação popular: uma relação possível? In: XI Fórum de Leituras Paulo Freire, 2009, Porto Alegre. **Anais...** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, Elizabeth Serra. Movimentos Sociais e Novas Abordagens da Educação Popular Urbana. **Contexto & Educação.** Editora Unijuí. Ano 26, nº 85. Jan./jun. 2011.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira; PEREIRA, Eduardo Tadeu. Revisitando a História da Educação Popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HistedBR On-line.** nº 40, vol.10, 2010.

ZAGO, Nadir. Cursos Pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. **Perspectiva.** Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 149-174. Jan./jun. 2008.